



6º Simposio de Ensino de Graduação

O REALISMO MARAVILHOSO EM "A JANGADA DE PEDRA", DE JOSÉ SARAMAGO.

Autor(es)

NILZA YOLANDA RUIZ LEITE RIBEIRO

Orientador(es)

JOSIANE MARIA DE SOUZA

1. Introdução

Os diferentes estudos da crítica literária vêm, de um lado, contribuindo para um melhor entendimento e compreensão dos diferentes períodos e gêneros literários. Por outro lado, revela e descreve os diferentes recursos lingüísticos utilizados pelos autores, com o propósito de desvendar a riqueza artística das diferentes obras.

Tendo em vista a relevância dos estudos literários, tomaremos como base o período contemporâneo que traz uma riqueza singular de diferentes correntes literárias, dentre elas o fantástico e o realismo maravilhoso que caracteriza uma das principais marcas da literatura contemporânea. E como representante deste período, escolhemos o consagrado autor José Saramago, considerado atualmente um dos maiores representantes da literatura contemporânea portuguesa.

Embora o realismo maravilhoso tenha tido como um de seus precursores o escritor cubano Alejo Carpentier, através do romance *O reino deste mundo* (1949), em cujo prefácio discutia o chamado “real maravilhoso americano”, que segundo Chiampi se caracteriza pela, “união de elementos díspares precedentes de culturas heterogêneas e configura uma nova realidade histórica que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental” (CHIAMPI, 1980 p.32). Após a referida publicação, o realismo maravilhoso, ou também denominado como realismo fantástico, teve prosseguimento e foi sendo solidificado com a publicação de diferentes obras tais como, *O jogo da amarelinha* (1963), do argentino Julio Cortázar; *Cem anos de solidão* (1967) e *O outono do patriarca* (1975), do colombiano Gabriel García Márquez. As quais além de chamar a atenção do público mundial, consolidaram o gênero, afirma Caldeira (2005).

Entretanto, essa corrente literária não se restringiu na América Latina, uma vez que, foi também representada por autores europeus como o italiano Italo Calvino e sua obra *O visconde partido ao meio* (1952) e *Cidades invisíveis* (1972); o alemão Günter Grass de *O tambor* (1959); o hindu Salman Rushdie de *Os versos satânicos* (1988); e o português José Saramago de *A jangada de pedra* (1986). As quais têm o mesmo elo em comum à presença da denúncia, mas não de forma carrancuda, e sim de forma mais amena, recheada de contrastes satíricos e irônicos, marca preponderante do realismo maravilhoso, destaca a autora.

Portanto, considerando a importância do realismo maravilhoso na literatura contemporânea e a presença marcante nas obras de José Saramago, estudaremos o livro *A jangada de Pedra*, por se tratar de uma obra

que revela uma visão crítica do autor com relação à integração de Portugal ao Mercado Comum Europeu, e porque segundo Calbucci (1999), é uma das obras que mais se aproxima “ao maravilhoso do Realismo Fantástico dos latino-americanos”.

A obra em questão, revela de forma irônica e fantástica a postura crítica do autor sobre o descaso europeu frente às nações ibéricas. E partindo de um ditado anônimo português, o qual assemelha a Península Ibérica ao formato de uma jangada, Saramago descreve vários atos insólitos, que precedem à separação da Península Ibérica da Europa, culminando com a fantástica rachadura dos Pirineus, os quais dividem a Espanha da França, que por sua vez, separam a Península Ibérica do restante do continente europeu. Assim, após a separação da Península, a mesma assume o papel metafórico da jangada de pedra que aos poucos vai se afastando da Europa, e vai navegando desgovernada e sem rumo pelo oceano Atlântico.

2. Objetivos

O presente estudo tem por objetivo analisar as principais marcas literárias que revelam a presença do gênero fantástico e realismo maravilhoso na obra *A Jangada de pedra*. Outro aspecto em questão é a relação metafórica existente entre a jangada de pedra e a Península Ibérica, presente no romance, levando em consideração o contexto político e contemporâneo, que Saramago retrata de forma tão maravilhosamente fantástica, em sua obra.

3. Desenvolvimento

Para a realização da análise das principais marcas do fantástico e do realismo maravilhoso presente na obra *A Jangada de Pedra* de José Saramago, foram consideradas inicialmente as diferenças existentes entre esses dois gêneros. E para tal, tomamos como pressupostos as definições postuladas por Todorov em sua obra *Introdução a literatura fantástica* e da Profa. Irlemar Chiampi, da USP na obra *O realismo maravilhoso*.

4. Resultado e Discussão

Ao analisarmos o romance *A Jangada de Pedra*, podemos perceber que no decorrer da narrativa realidade e fantasia não se separam mas coexistem. Esta dicotomia pode ser comprovada desde o título do romance, uma vez que a personagem principal da obra, a própria “Jangada de Pedra” se constitui num paradoxo, pois além de ser uma embarcação precária, ela é de pedra, material que pelas leis físicas se opõe notoriamente à navegação. No entanto, *A Jangada* flutua e segue à deriva, cumprindo seu destino navegante.

Muito embora, a obra apresente alguns traços do gênero fantástico, principalmente pelos acontecimentos insólitos que dão início ao romance e que culminam com a separação da Península, no decorrer da narrativa é possível reconhecer a predominância do realismo maravilhoso definido por Chiampi (1980), uma vez que o autor busca apresentar o real e deixa que o seu discurso o legitime como sobrenatural e, assim, o encantamento passa através do discurso do real para o irreal. Além disso, os personagens apesar de experimentarem situações ímpares e sobrenaturais, não se desconcertam nunca diante do ocorrido. Essas marcas aproximam o texto ao realismo maravilhoso, pois transforma tanto o natural quanto o sobrenatural com peso e medida iguais, e o direito de existir promove o encontro, uma manifestação de complementação entre o que existe e o que acreditamos que possa existir.

Outro aspecto do romance *A Jangada de Pedra*, que o aproxima ao gênero realismo maravilhoso, são os acontecimentos insólitos que cada uma das cinco personagens vivencia. Embora as primeiras sensações descritas provoquem uma hesitação nas próprias personagens, que é o cerne do fantástico, estas por sua vez que deveriam se prolongar na narrativa que é posta como algo fugaz, momentânea, dando lugar a uma

indiferença que produz uma escala descendente. A hesitação que seria levada ao ápice através de acontecimentos cada vez mais intrigantes na narrativa é desconstruída.

O romance inicia com a apresentação da personagem Joana Carda e os cães de Cerbère:

“Quando Joana Carda riscou o chão com a vara de negrilho, todos os cães de Cerbère começaram a ladrar, lançando em pânico e terror os habitantes, pois desde os tempos mais antigos se acreditava que, ladrando ali animais caninos que sempre tinham sido mudos, estaria o mundo universal próximo de extinguir-se.” (AJP, p.7).

Após esse acontecimento de caráter aparentemente apocalíptico, na verdade anuncia o princípio da história, ou seja, depois que Joana Carda traça o singelo risco no chão com sua vara de negrilho, a Península Ibérica começa a se separar do restante da Europa. No momento do desprendimento da Península, articulam-se outros movimentos: a viagem das personagens Joana Carda, Pedro Orce, Joaquim Saissa, João Anaiço e Maria Guavaira, que acompanhados de um cão, buscam-se entre si para realizarem, posteriormente, o motivo final do seu encontro, ou seja, a separação da Península. Numa verdadeira aventura, reveladora por seus aspectos de significação crítico-histórica e política, o romance desfecha-se com a morte de Pedro Orce e com todas as mulheres em período fértil, grávidas, representando o renascimento para uma nova fase em que se vislumbra a afirmação dos povos peninsulares em relação à Europa.

Outro aspecto do romance que denota a marca do gênero maravilhoso é a presença do cão como guia das personagens na obra, uma vez que este aparece como a única testemunha da ruptura dos Pirenéus, e o mesmo se junta a um grupo composto de quatro pessoas, três homens e uma mulher. O cão curiosamente, como se acordado entre todos, passa a indicar o caminho:

“Há um acordo entre este cão e estas pessoas, quatro seres racionais consentem em deixar-se conduzir pelo instinto animal, salvo se estão todos eles a ser atraídos por um ímã colocado ao norte ou puxados pela outra ponta de um fio azul gêmeo deste que o cão não larga.” (AJP, p.154).

Mais uma vez sem assombros ou hesitações as personagens seguem o caminho guiados por um cão que segura um fio de lã azul. Próximo de Santiago de Compostela, “o cão Fiel, fiel à sua cisma de seguir em direção ao norte (AJP, p.154)”, mudou o rumo e “derivou para noroeste” (AJP, p.158) porque devia estar perto do seu destino, percebia-se pelo seu vigor renovado e por seu porte. A descrição da paisagem, do espaço da casa e também dos arredores, incluindo uma nuvem de fio de lã azul, reafirma o cunho maravilhoso da narrativa.

5. Considerações Finais

Ao fim da análise, com relação às marcas do gênero, defendemos a tese que o romance *A Jangada de Pedra*, embora apresente traços pertencentes ao gênero fantástico postulados por Todorov (1975), tais como os fatos insólitos vivenciados pelas personagens, bem como a própria ruptura dos Pirineus. No decorrer da análise foi possível verificar que a narrativa aproxima-se mais às características do realismo maravilhoso definido por Chiampi (1980), uma vez que o autor busca representar o real permitindo que seu discurso o legitime como sobrenatural e, assim, o encantamento na obra perpassa pelo discurso do real para o irreal.

Além disso, as personagens apesar de experimentarem situações de cunho fantástico, não se desconcertam nunca diante do ocorrido. As primeiras sensações descritas provocam uma hesitação, que é a essência do fantástico, porém esta que deveria se prolongar ao longo da narrativa é deixada de lado, transformando tanto o natural quanto o sobrenatural da narrativa no mesmo plano, e o direito de coexistir promove o encontro e, uma manifestação de complementação entre o que existe e o que acreditamos que possa existir.

Após o exposto, podemos concluir que José Saramago faz uso tanto do gênero fantástico como o realismo maravilhoso, pois além de apresentar os fatos metaforicamente, envolve o leitor com o romance através de uma narrativa aparentemente sobrenatural e mística. Igualmente, entendemos que ambos os gêneros podem estar a serviço de uma literatura engajada histórico-social. Desta forma, Saramago consegue expor sua ideologia enquanto português e cidadão europeu, bem como apresentar parte da História de seu país a seus leitores.

Referências Bibliográficas

CABULCCI, Eduardo. Saramago um roteiro para os romances. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999

CALDEIRA Eleonora Mendes & Jaime Pinsky & Moacyr Scliar & Et Al. Cultura e Elegância. São Paulo, Editora Contexto, 2005.

CARVALHO, Maria Cristina Chaves de. Aqui o mar acaba e a terra principia: o lugar que se revela em A jangada de pedra. Dissertação de Mestrado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CERDEIRA, Teresa Cristina. Câmara 500 anos. Por Mares Nunca Dantes Navegados. Disponível em: [/seminarios/semin3 /teresacristinacerdeirasilva.html](#)>Acesso em: 23 de setembro de 2007.

CHEVALIER, Jean, e GHEERBRANT, Alain. Dicionário dos Símbolos. 7ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CHIAMPI, Irlemar. O realismo maravilhoso. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1980.

FERREIRA, Sandra. A Jangada de palavras de José Saramago. IV Congresso internacional da associação portuguesa de literatura comparada. Disponível em: <http://www.eventos.uevora.pt/comparada/Volumel/A%20JANGADA%20DE%20PALAVRAS%20DE%20JOSE%20SARAMAGO.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2007.

FREIRE, Rodrigo. O problema filosófico do nacionalismo crítico pós-moderno em "Jangada de Pedra" de José Saramago. 27/09/2006 Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=226&rv=Literatura>. Acesso em 29 de setembro de 2007.

LOPES, Tania Mara Antonietti. José Saramago e a literatura hispano-americana. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/63/316.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2007.

LOPONDO, Lílian. "O Proselitismo em questão: o processo de reconhecimento em A Jangada de Pedra". In: Saramago segundo terceiros. Organizado por Lílian Lopondo. São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP. 1998.

MARTINS, Oliveira. História da Civilização Ibérica. Lisboa, Publicações Europa-América, Ltda. (s/d).

QUENTAL, Antero. Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio01.html> Acesso em: 29 de setembro de 2007.

SEIXO, Maria Alzira. Derivas: Notas para uma leitura do caderno de apontamentos sobre a composição de "A Jangada de Pedra" In: Saramago: o ano de 1998. Colóquio Letras 151/152. Lisboa, 1999.

SARAIVA, Antônio José. A Tertúlia Ocidental: Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de

Queiroz e outros. Lisboa, Gradiva Publicações Ltda. (s/d).

SARAMAGO, José. A Jangada de Pedra. São Paulo, Companhia de Bolso, Companhia das Letras, 2006.

VICENTE, Kyldes Batista. Forma e motivo do simbólico em José Saramago: a imagem do cão em A jangada de pedra, História do cerco de Lisboa e Ensaio sobre a cegueira. Disponível em: http://www.geocities.com/ail_br/formaemotivodosimbolico.html Acesso em: 28 de outubro de 2007.